

Doença de Peyronie: novo tratamento reduz os índices de impotência sexual masculina sem efeitos colaterais.

Atualmente, calcula-se que existam cerca de 30 milhões de homens com algum tipo de disfunção erétil, somente nos Estados Unidos. Ao ano, são mais de 400 mil pacientes que procuram por alguma forma de tratamento e se deparam com estatísticas assustadoras: cerca de 1,9% dos homens com 25 anos têm impotência; 39% estão na faixa etária dos 40 e mais de 50% deles, convivem com o problema após os 70 anos. São muitas as causas que levam a esse distúrbio. Uma delas é a doença de Peyronie, caracterizada pela formação gradativa e dolorosa de uma placa fibrosa no pênis, algum grau de disfunção erétil e deformidade anatômica do membro. No entanto, a boa notícia é que uma nova alternativa de tratamento corrige a curvatura manifestada no pênis, sem efeitos colaterais e com índice satisfatório de resultados com relação à disfunção erétil.

Trata-se da terapia extracorpórea por ondas de choque de alta energia, mesmo método utilizado para a quebra de cálculos renais, conhecida como litotripsia. A indicação deste procedimento como tratamento da doença de Peyronie é muito recente no Brasil, porém, já é muito utilizada em países da Europa, Alemanha, Itália e Inglaterra. “Esta técnica tem demonstrado índice de sucesso satisfatório por oferecer muitos atrativos. Dentre eles, por ser um método não-invasivo, totalmente ambulatorial, isento de efeitos colaterais, que dispensa qualquer tipo de medicação, como analgesia, por exemplo, e sobretudo, por não apresentar nenhum tipo de complicação ou contra-indicação”, explica Joaquim Claro, urologista do Hospital e Maternidade São Luiz, um dos pioneiros na utilização deste recurso no Brasil.

O tratamento consiste na realização de três a quatro sessões com duração média de 40 a 60 minutos, com intervalos de uma semana entre uma sessão e outra. Durante a aplicação das ondas de choque, o paciente não sente nada, nenhum tipo de dor e praticamente não há contato ou intervenção. “O paciente é posicionado em uma mesa de litotripsia e submetido à emissão de ondas. É muito simples. A análise dos resultados iniciais revelou um índice de sucesso superior a 70%, sem nenhuma complicação. Além disso, a maioria dos pacientes observou um melhora na qualidade das ereções”, detalha Claro, ressaltando que há casos em que apenas uma sessão é suficiente para resolver o problema e após a aplicação, o paciente não tem restrições, pode ter vida normal: trabalhar, praticar esportes e até ter relação sexual.

Segundo o especialista, essa alternativa de tratamento é indicada para pacientes que não desejam ser submetido às técnicas cirúrgicas tradicionais, devido à ausência de contra-indicações e de complicações e cuja doença esteja estável, apresentando curvatura acentuada do pênis, dores e elevado índice de insatisfação sexual. Se comparado aos procedimentos cirúrgicos disponíveis hoje, oferece muitos benefícios ao paciente, principalmente com relação às conseqüências sexuais, já que normalmente a cirurgia reduz o membro em cerca de a 1 a 1,5 centímetros e causa problemas de disfunção erétil graves. “O paciente operado, muitas vezes, não consegue manter a ereção e isso compromete toda a atividade sexual, afeta a qualidade de vida e o psicológico do paciente”, justifica o médico.

A doença - Inicialmente descrita por Peyronie em 1873, a doença pode estar localizada em qualquer parte do pênis e acomete homens com faixa etária entre 40 e 50 anos de idade, cujo diagnóstico tem se tornado cada vez mais comum. A incidência aumenta, à medida em que aumenta a idade e a principal queixa dos pacientes é a presença de placa fibrosa e curvatura no membro, com reflexos diretos na relação sexual e sensação de dor. Em casos mais graves, a curvatura pode impedir a penetração vaginal ou provocar intensa dor, impossibilitando a relação sexual. A maioria dos pacientes apresenta a função erétil preservada, mas em alguns casos mais avançados ou ainda com a evolução natural da doença, os pacientes não mais apresentam ereção plena, impossibilitando a atividade sexual.

As causas da doença ainda são desconhecidas, porém, sabe-se que há relação com microtraumas repetidos durante a relação sexual, com evolução para fibrose e calcificação. Evidências clínicas demonstram que há predisposição genética para a manifestação do problema, pois em cerca de 2% dos pacientes, existe história familiar. Em outros 20% dos casos, há associação com a síndrome de Dupuytren (fibromotese palmar, caracterizada por diferentes alterações, com perda de capacidade de movimentos das mãos).